

O Crepúsculo — Bahia, 1845/1847, ou Os médicos praticam literatura

BACHARÉIS NAO, MÉDICOS

A intenção de conhecer as “novelas baianas” de Manuel Carigé Baraúna, registradas por Sacramento Blake (1) e que estariam entre as primeiras manifestações da ficção na Bahia, conduziu-nos a um jornal literário — *O Crepúsculo* — de singular interêsse para a compreensão da atividade e das diretrizes literárias vigentes na Bahia da década de 1840. Ou, quando menos, vigentes em um grupo ativista de evidente importância que não estava isolado no acanhado ambiente cultural da

Salvador de então. Era, como se verá, um grupo sintonizado com as idéias dominantes na época, cujos membros já exerciam influência na vida cultural baiana (alguns, aliás, viriam depois a exercer papel destacado).

A importância de *O Crepúsculo* está sobretudo em revelar, por um lado, e ratificar, por outro, aspectos básicos da vida literária na Bahia de meados do Séc. XIX, particularmente a predominância dos médicos-literatos, consequência natural da presença da Faculdade de Medicina, por mais de 50 anos o único centro de ensino

superior da Bahia, cujos acadêmicos exerciam um papel cultural que logo depois fazia sobressair o bacharel do Recife e de S. Paulo. Então, a literatura (já por si com um conceito diverso do atual), a erudição e a ciência, com o beneplácito da retórica, imbricavam-se e às vezes se confundiam numa irmandade que não disfarçava, apesar do espírito da época, a falta de tradição científica e o atraso cultural em que vivíamos. A autonomia política do Brasil era recente e tudo estava por fazer nesse instante de agitação romântica. Daí que um desses literatos-médicos tenha bradado: "precisamos das letras para nosso adiantamento".

Este estudo buscou apenas abordar alguns ângulos de compreensão sobre a vida literária na Bahia de meados do Séc. XIX, a partir, como ficou dito, da sistematização de informações oferecidas pelo periódico *O Crepúsculo*, informações completadas por outras fontes literárias.

INSTRUTIVO E MORAL

O Crepúsculo surgiu em 2 de agosto de 1845 como "periódico instrutivo e moral" da Sociedade Instituto Literário (seis meses depois rebatisada Instituto Literário da Bahia). Jornal de pequeno formato, foi publicado quinzenalmente até julho de 1846, aparecendo nesse período de um ano dois volumes, cada um com doze números. Seguiu-se um mês de silêncio e em setembro de 1846, ao iniciar-se o Volume III, passou a

ser mensal, sempre com 16 páginas em cada edição (2). Em 1847 veio a desaparecer (3).

Até o começo de 1846, foi dirigido por Tiburtino Moreira Prates. Em março, uma nota registra seu "impedimento" e marca a ascensão de Abílio César Borges, ao assinalar que "os seguintes números sairão sob a direção de um dos Vice-Diretores do Instituto Literário da Bahia", recentemente eleitos: Manuel Genésio de Oliveira, Abílio César Borges e Antônio Januário de Faria (4). Toca a Abílio dirigir o periódico por todo o período que se segue até 1847, com um hiato, quando Manuel Genésio de Oliveira assume referindo-se ao "exemplo de nossos dous predecessores" (5).

A destacada participação de Abílio César Borges em *O Crepúsculo* é visível. Numa época em que os jornais de pequeno formato, e mesmo maiores, eram elaborados por um único redator, êle terá sido por mais tempo esse redator no jornal do Instituto Literário da Bahia, excluídos os colaboradores natos e os esporádicos. Dêle são artigos que assina expressando o pensamento da sociedade literária que editava o jornal, dêle são conceitos sobre a vida literária local e nacional e, ainda, modificações notórias em *O Crepúsculo*. Uma delas, em fevereiro de 1847, quando o jornal adquire certa aparência de revista, pela introdução de uma capa independente e outras modificações gráficas (6).

É nesse número de fevereiro de 1847 que, pela primeira vez, os

colaboradores natos aparecem de corpo inteiro, isto é, com o nome completo e aclarador. Escondidos antes numa assinatura feita apenas pelas iniciais ou pelo sobrenome, só agora usam o nome completo, pois o jornal parece consolidado e com reputação nos meios culturais (adiante se verá como fizeram praça desse aspecto). Nota-se então que os colaboradores de *O Crepúsculo* são, na verdade, em sua maioria, jovens médicos ou acadêmicos de Medicina que pouco distinguem a parte científica do arcabouço retórico de suas teses de doutoramento (7). Os que não possuem grau, quando aparecem incorporados em 1847 (muitos acabam de recebê-lo), logo o terão. Observe-se devidamente essa relação:

Abílio César Borges (doutor, em 1847), Hipólito Perret (doutor), Manuel Ladislau Aranha Dantas (doutor, em 1846), Tiburtino Moreira Prates (doutor, em 1846), Joaquim Antônio da Rocha (doutor, em 1843), Manuel Carigé Baraúna (doutor, em 1845), Manuel Genésio d'Oliveira (doutor, em 1845), Demétrio Cyriaco Tourinho (doutor, em 1847), Pedro Antônio de Oliveira Botelho (doutor, em 1846), Ascânio Ferraz da Mota (doutor), Antônio José Alves (doutor, em 1841), Antônio Januário de Faria (doutor, em 1845), Pedro José de Abreu (doutor), Antônio Pereira de Mesquita (doutor). Os demais colaboradores, *não médicos*, eram os religiosos Frei Manuel de S. Caetano Pinto e Pe. Eurychio Pereira da Rocha, o militar e his-

toriador Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva (já renomado também como redator de *O Cabalista*), o gramático e filósofo João da Veiga Murici, o engenheiro Francisco Barbosa de Araújo, além de João Gualberto de Passos e Aristides Ferraz Moreira, possivelmente acadêmicos (8).

Tem-se desta forma, em uma lista de 22 colaboradores, a maioria de 14 graduados em medicina, na mesma década e com idade aproximadamente igual. Os demais colaboradores, com esta ou aquela exceção, são também graduados, correspondendo o grupo, conseqüentemente, a um núcleo de elite que, não há dúvida, deveria ter sua presença notada num meio urbano constituído por mais de 3/5 de analfabetos. Na verdade, as origens familiares desses graduados já indicavam-lhes a preeminência e a penetração (9).

OS BONS SERVIÇOS

Não só devido aos interesses acadêmicos, profissionais e culturais, como ainda porque assim era concebido na época, o conceito de *letras* era o mais amplo possível, abrangendo tudo o que nobilitadamente dispunha-se por escrito, entre os colaboradores de *O Crepúsculo*.

Não como uma peculiaridade dos médicos-literatos baianos. Sabe-se bem que o cultivo das letras era, por todo o Séc. XIX, uma forma de nobilitação que substituíra as limitações de uma capacitação científica e profissional em todas as áreas de atividade. Por

isso, o conceito de letras, ou de literatura, na época, incluía des de estudos científicos sem finalidade prática específica — colocando nesse rol também as defesas de tese — até a oratória. Nesse sentido, o periódico do Instituto Literário da Bahia não difere em nada da revista *Niterói*, lançada uma década antes por Gonçalves de Magalhães, Pôrto Alegre e Tôrres Homem (10) e que faz as vezes de símbolo dos novos conceitos trazidos da França. As seções desta e do outro são praticamente as mesmas, a Botânica e a Poesia em harmoniosa vizinhança. A Literatura, no sentido estrito de nos sos dias, constitui apenas uma seção do periódico, ainda assim uma *mélange* em compartimentos estanques, incluindo artigos de ordem moral, estudos de literatura estrangeira, crônica de impressões, perfis biográficos, etc. A Poesia — a grande privilegiada romântica — detém uma seção especial, separada da prosa de ficção, que, aliás, não sendo um gênero prestigiado no primeiro instante romântico, vai misturar-se com fábulas e anotações de bom-senso na seção... Variedades.

Eis as seções de *O Crepúsculo*, por ordem de aparição:

CIÊNCIAS — estudos de Frenologia, Medicina Legal, Botânica, Mineralogia, Fisiologia, Matemática, Psicologia, etc.

LITERATURA — estudos sobre Moral, Poesia, História, Impressões, Literatura Estrangeira, etc.

POESIA — exclusivamente poemas.

- VARIEDADES — fábulas, ficção, anotações judiciosas, etc.

INDUSTRIA — estudos sobre Comércio, Agricultura, etc.

RELIGIAO

Bem característica dessa compreensão de época é a vinheta que passa a ter o periódico, em seu cabeçalho, a partir do Vol. II, constituída dos seguintes elementos alegóricos: uma prensa tipográfica, um livro, fôlhas, uma lâmpada votiva, uma pena e o símbolo do comércio.

Mas os ecumênicos literatos de *O Crepúsculo* eram fervorosos e sinceros na luta para modificar a situação de atraso cultural pelas letras. Abílio César Borges assinala essa esperança num balanço sobre a atividade literária à época do aparecimento de *O Crepúsculo*, o qual, por si só, oferece um bom indicador da vida intelectual na Bahia da década de 1840:

"... as letras no Brasil se achavam, a bem dizer, circunscritas no Rio de Janeiro. (...) Ali trabalhavam os prelos incessantemente em publicações literárias, lia-se muito ali, ao passo que as demais províncias conservavam-se apáticas, mudas e em um indiferentismo de causar desânimo. Forçoso era que um termo se pusesse a êsse estado de exclusivismo da côrte. A Bahia tinha levantado a primeira voz publicando *O Mosaico*, periódico que hoje se acha assaz melhorado, e prestando bons serviços às letras pátrias..." (11).

Vê-se portanto que êsse balanço do futuro Barão de Macaúbas denota uma atitude de militância cujo objetivo maior seria fazer

surgir e manter associações culturais e literárias nos centros urbanos brasileiros (do que a primeira metade do Séc. XIX foi pródiga), precisamente como efeito da crença de que o largo cultivo das letras e de algumas ciências — era o tempo dos naturalistas — influiria de modo categórico para modificar o conceito cultural do Brasil.

A Bahia também já possuía várias dessas associações literárias em 1846, em sua maioría surgidas na própria década. Dando um testemunho semelhante ao de Abílio, onde chega a grifar que “*precisamos das letras para nosso adiantamento*”, Demétrio Cyriaco Tourinho prega a fundação de mais associações literárias e em seguida relata:

“Aqui na Bahia tem-se desenvolvido este amor às letras — a Biblioteca Clássica Portuguesa, a Auxiliadora da Instrução, a Filosófica contêm em si pessoas de muita erudição, e literatura, que cuidam em aumentar as letras. O Instituto Literário que atualmente é uma das principais instituições na Bahia, que tem merecido algum conceito e fama, conta em seu grêmio pessoas que procuram aumentar por seu contingente as nossas letras; e a prova é a publicação de seu jornal — obra verdadeiramente filantrópica — em cuja publicação o seu Diretor tem sido incansável (...). A Sociedade Filomática, a Físico-Química são associações na Bahia de muita consideração — as compõem homens de vasta erudição e ciência —, o Recreio Literário, há pouco instalado, merece os nossos elogios — é uma sociedade

de moços que se desejam instruir, e para isto têm criado uma biblioteca” (12).

O ânimo das palavras é bem ilustrativo. Até com maior entusiasmo, *O Crepúsculo* anuncia, a certa altura, o surgimento de “mais uma associação literária — mais um periódico instrutivo” (13). Havia portanto uma fervorosa ebulição civilizadora na maneira com que os componentes do Instituto Literário da Bahia caracterizavam seu papel de literatos.

RESSOANDO AO LONGE

Mas os animados cultores das letras pátrias tinham uma outra aspiração redentora. Pela erudição mais exacerbada, pelo volume do contingente das sociedades literárias, pelo poema com a indelectível epigrafe em língua estrangeira, pelo estudo da fauna e da flora brasileira, eles buscavam atingir o reconhecimento europeu de que o Brasil alcançara o progresso e a civilização capazes de culturalmente “ombrear-lo no concerto das nações”. Eles necessitavam do reconhecimento europeu, para que, com êsse aval, fôsem prestigiados na condição de eruditos e de literatos. O círculo vicioso é flagrante, mas aquela preocupação pode ser sentida por toda parte em *O Crepúsculo*.

Busca-se o acatamento dos literatos europeus não apenas de mostrando conhecê-los, mas também com isto. Há uma infinidade de citações de autores europeus, mormente em francês, ou então (revelando que a influência lusa continuava incisiva) de figuras

portuguêsas, dos clássicos até os românticos, muito especialmente Almeida Garrett, cuja influência viva e direta sobre o periódico vale, para este, como a consagração, logo veremos. Um brasileiro, o já citado Domingos Gonçalves de Magalhães, é alvo freqüente de citações, reverenciado em inúmeras epígrafes. E que dizer de um poema titulado "Gemidos Poéticos"?...

Todavia, nada melhor que o reconhecimento manifesto, ou seja, quando o autor europeu servia de eco para os sons pouco originais, embora perseverantes, das letras do grupo baiano. Deixou Abílio César Borges bem claro, como vimos, que o aparecimento de *O Crepúsculo* pretendeu o que *O Mosaico* não conseguiu. Ele tinha "prestado bons serviços às letras pátrias", mas...

"... mas essa voz foi em princípio muito débil para que resoasse ao longe e logrou pouco efeito. Publicou-se consequentemente *O Crepúsculo*, que teve uma aceitação para bem além de todas as expectativas. (...) Tinha-se abalançado a apresentar-se aos literatos da Europa, — e os literatos da Europa o acarinharam, e elogiaram seu empenho e o exortaram a continuar nêle. Dado estava portanto o primeiro passo pela Bahia, e algumas províncias presto a imitaram" (14).

Vimos como Demétrio Cyriaco Tourinho insistia, no mesmo timbre de Abílio, na existência de "pessoas de muita erudição, e literatura" e de "homens de vasta erudição e ciência" entre nós, alu-

dindo ainda ao "conceito e fama" que tinha merecido o Instituto Literário da Bahia.

Por que essa convicção em membros de *O Crepúsculo*?

Embora possam existir outros motivos (um dêles a própria militância inovadora de um grupo literário fora da Côrte), é o jornal que alardeia com destaque propositado um dos motivos causadores da "aceitação" e da "fama", qual seja, a carta que Almeida Garrett envia a Abílio César Borges elogiando o primeiro número de *O Crepúsculo* que recebera em Lisboa. Não apenas a carta foi publicada na íntegra em janeiro de 1846, juntamente com um comentário do diretor Tiburtino Prates, que exaltava o significado da carta: "... deve ser motivo de animação para nossa nascente literatura, que desponta apenas no meio de tantos obstáculos de toda ordem". Prates conclamava os literatos locais para que aceitassem "com entusiasmo o generoso convite de um amigo das letras, que em sua elevada posição encara com benevolência nossos primeiros ensaios literários; e abre-nos braços de irmãos" (15). A repercussão da carta de Garrett foi ainda maior. O romântico luso usou (por engano?) a expressão Instituto Literário da Bahia para referir-se à Sociedade Instituto Literário. Coincidência ou consequência: em fevereiro de 1946 (n. 13), já se dizia no cabeçalho que *O Crepúsculo* era órgão do Instituto Literário da Bahia, e assim permanece. Esse número traz longo artigo de João Gualberto

de Passos — “Um Voto pela Literatura Pátria” — comentando a passagem de seis meses de existência do periódico, tomando como assunto a carta de Garrett, e analisa o acatamento da Europa para com as letras brasileiras, prova concreta, concluía, de que estas seguiam “o caminho certo” (16).

O ADIANTAMENTO

Não cabe aqui a análise do conteúdo das colaborações, que cobrem, como ficou dito, as mais diversas áreas do conhecimento. Na visão histórico-cultural de um “momento decisivo” (17) de definição da literatura brasileira, como o é o período romântico, pode-se compreender melhor a importância que jornais como *O Crepúsculo* tiveram para formar mentalidade cultural e público para as produ-

ções literárias nativas que vieram logo depois, mentalidade e público que faltavam até então, devido a limitações e restrições existentes no período colonial.

Na Bahia, naquele instante, foram exatamente os colaboradores de *O Crepúsculo* e jornais similares que deram corporificação e atividade constante à vida intelectual provinciana, perdida antes, como assinalou o Barão de Macaúbas, “num indiferentismo de causar desânimo”. E não resta dúvida, como se sabe, que essa ação intelectual ajudou, em todo o País, para que fôssem dados os primeiros passos na tarefa de definição e afirmação da nacionalidade brasileira. O que, nessa linha de raciocínio, já entra no âmbito de um problema mais amplo: o do nosso “adiantamento” e da nossa autonomia.

DAVID SALLES

1 Blake, Augusto Victorino Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional e Impr. Nacional, 1883-1902. v. 6, p. 44-45.

2 A coleção que tivemos em mãos, existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, possui os volumes 1 (1-12) e 2 (13-24) e ainda seis números do v. 3 (1-6). Cobre assim o período 2.ago.1845 / fev. 1847. (Sobre a extinção do periódico, ver nota 3). O jornal registra os locais onde foi impresso. Os doze primeiros números (v. 1), na Tipografia do Correio Mercantil, na Rua da Alfândega. Depois, saiu sempre da Tipografia de Epifânio Pedrosa, localizada na Rua do Pão-de-Ló, 37 (hoje Rua do Tesouro), perto de onde o Instituto Literário realizava suas sessões: a casa n.º 36 da Rua dos Capitães (hoje Rua Rui Barbosa).

3 De acordo com João N. Tôrres e Alfredo de Carvalho, que oferecem uma única observação capaz de sugerir tenha a gazeta aparecido por mais tempo que aquele sob a direção de Abílio César Borges, ou seja, além de fevereiro de 1847. Diz textualmente a nota: "depois (de julho de 1846) saía mensalmente sob a redação do Dr. Ascânio Ferraz da Motta". In *Anais da Imprensa da Bahia* (1811-1911). Bahia, Tip. Bahiana, 1911. p. 56.

Pedro Calmon, entretanto, afirma que *O Crepúsculo* existiu até 1849. Cf. *História da Literatura Bahiana*. Salvador, Publicações da Prefeitura Municipal, 1949. p. 172.

Pelo menos dois indícios parecem corroborar com a informação de que o jornal tenha desaparecido mesmo em 1847: 1) Abílio César Borges deve ter deixado o jornal logo depois de fevereiro de 1847, "impedido" como Tiburtino Prates (ver nota 4) por ter de cursar o último ano de medicina, que fez no Rio, e preparar sua tese de doutoramento, que já defendeu nesse ano. Terá o jornal vivido sem a figura principal? 2) É estranho que Sacramento Blake, op. cit., mencione todos os títulos da constante colaboração de Manuel Carigé Baraúna até fevereiro de 1847 e nada cite que seja ulterior, a não ser em outras publicações, inclusive *O Ateneu* (1849), dirigida esta pelo próprio Blake, que foi amigo pessoal de Baraúna e contemporâneo de Faculdade de muitos dos colaboradores de *O Crepúsculo*.

4 *O Crepúsculo*, v. 2 (15): 38, 10.mar.1846. O preparo da tese de doutoramento que defendeu nesse ano na Faculdade de Medicina da Bahia terá sido, provavelmente, o motivo do "impedimento" de Prates. Cf. Calmon, op. cit., p. 146. Semelhante afastamento ocorreu com Carigé Baraúna, em 1845, na qualidade de colaborador.

5 *O Crepúsculo*, v. 2 (19): 112, 10.mai.1846.

6 Constituem os elementos gráficos dessa capa:

O CREPUSCULO / Periodico instructivo e moral / do / Instituto Literário da Bahia, / publicado todos os meses. / Anno 3.º volume 3.º / N. 6 / Fevereiro / (vinheta alegórica às Ciências e as Artes) Bahia / Typographia de Ephifanio Pedroza, / Rua do Pão-de-Ló, casa n. 37 / 1847.

No verso da capa está o elenco de colaboradores. A contracapa nada contém.

7 Cf. Calmon, op. cit., p. 145-146.

8 Os dados oferecidos em parênteses são oriundos do próprio jornal, de Sacramento Blake, op. Cit., de Calmon, op. cit., e, no caso de Accioli, de Tôrres e Carvalho, op. cit. É desnecessário salientar a preeminência que já tinham, e teriam nessa década e nas seguintes, muitos dos membros do jornal. Já não falando dos vários professores da Faculdade de Medicina surgidos do grupo, a exemplo do Dr. Antônio José Alves, pai do poeta Castro Alves, e do Dr. Manuel Ladislau Aranha Dantas, tornaram-se figuras de primeiro plano na vida baiana Abílio César Borges (fundador do Ginásio Baiano) e Demétrio Cyriaco Tourinho (fundador do *Diário da Bahia* e também professor da Faculdade), ademais de Ignácio Accioli, autor das *Memórias Históricas e Políticas de Bahia*.

9 Nelson Werneck Sodré analisa o reflexo cultural dessas origens familiares dos acadêmicos da primeira metade do Séc. XIX em *História da Literatura Brasileira*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. p. 199 e segs.

10 *Niterói*, revista brasiliense. Paris. Dauvin et Fontine, 1836. v.1 (1-2).

11 *O Crepúsculo*, v. 3 (1): 1, set. 1846. Considerando *O Mosaico* como "a primeira voz" literária da Bahia é evidente que Abílio faz alusão ao florescimento de jornais criados pelas sociedades literárias. Historicamente, o primeiro periódico literário baiano foi as *Variadas* ou *Ensaios de Literatura*, de 1812, com apenas duas edições. / Outros periódicos literários surgiram após a Independência, todos de curta duração, antes de *O Mosaico*, que durou de 1844 a 1846 como órgão da Sociedade Instrutiva da Bahia, dirigida por Tiburtino Prates (que depois dirigiu *O Crepúsculo*).

A gazeta era dirigida pelo Dr. Malaquias Alvares dos Santos. Cf. Torres e Carvalho, op. cit., p. 18-20 e 56.

12 O *Crepúsculo*, v. 1 (12): 187, 25.jan.1846. Observe-se em Pedro Calmon as datas de fundação das associações literárias da Bahia num período "particularmente opulento" dessas sociedades e que "por elas, pode ser interpretado". Calmon acrescenta: "Prevalecem os grêmios produtores de agitação intelectual, de crítica e divulgação de novos estilos, em que se unem — com a assistência de alguns velhos — os moços trepidantes de cultura francesa: academias que tinham por base uma livreria ratinhada entre sócios, e cujo escopo era o "outelro literário"..." Calmon, op. cit., p. 172-3.

13 O *Crepúsculo* v. 3 (2): 32, out. 1846.

14 O *Crepúsculo*, v. 3 (1): 1. set. 1846.

15 O *Crepúsculo*, v.1 (11): 180, 10 jan. 1846.

16 O *Crepúsculo*, v. 2 (13): 8-10, 10.fev.1846.

17 Em concordância com a definição dada por Antônio Cândido.

In *Formação da Literatura Brasileira*, 2.^a ed. S. Paulo, Martins, 1964.